

PONTO DE VISTA

PLÁGIO E AUTOPLÁGIO: UM DESAFIO SIMPLES PARA AS MENTES CIENTÍFICAS

Gilson Luiz Volpato¹

Prof. Aposentado do Instituto de Biociências de Botucatu, Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho

Correspondência para: e-mail: volpgil@gmail.com

A questão do plágio é antiga na vida do cientista. Ela foi exacerbada após a entrada das revistas científicas na internet pelas facilidades de sua detecção. Hoje há ferramentas computacionais que nos possibilitam analisar reproduções de texto para identificarmos as que sejam plágio. De minha percepção com o ensino da redação científica, grande parte do plágio pode decorrer da ignorância sobre o processo de citação na ciência empírica, bem como sobre o que seja o plágio.

Segundo o Código de Boas Práticas da Fapesp¹, plágio é “... a utilização de ideias ou formulações verbais, orais ou escritas de outrem sem dar-lhe por elas, expressa e claramente, o devido crédito, de modo a gerar razoavelmente a percepção de que sejam ideias ou formulações de autoria própria”. A Fapesp não faz menção ao autoplágio. Porém, no Relatório da Comissão de Integridade na Pesquisa², do CNPq, autoplágio “... consiste na apresentação total ou parcial de textos já publicados pelo mesmo autor, sem as devidas referências aos trabalhos anteriores.”. Mas note que nem tudo merece citação. As informações que forem de conhecimento geral do público alvo não precisam ser citadas. Por exemplo, na atualidade não faz sentido citarmos que exercício físico e bons hábitos alimentarem favorecem a saúde cardiovascular das pessoas, pois todos os cientistas sabem disso (até mesmo quem não é especificamente dessa área). Assim, a regra é: se não é seu, nem de todos, então cite. Com isso,

¹ http://www.fapesp.br/boaspraticas/FAPESP-Codigo_de_Boas_Praticas_Cientificas_2014.pdf

² <http://www.cnpq.br/documents/10157/a8927840-2b8f-43b9-8962-5a2ccfa74dda>

evita-se citar informações que estão em livros texto da graduação, pois para chegar lá a informação já foi suficientemente consolidada na respectiva área.

Em suma, plágio significa passar informação como se fosse sua, quando não é; ou como se fosse original num texto, quando já foi publicada por você mesmo em outro local. Porém, nesse contexto, note que há duas formas de dar informação errada aos leitores: informar como sendo seu, ou daquele texto, o que não é; informar que as palavras que descrevem a informação são suas, ou originais num texto, quando não são. Para evitar esses equívocos, basta citar a obra que descreve o trabalho em primeira mão, ou da qual se retirou o trecho copiado na íntegra, colocando-o em destaque (por ex., entre aspas ou itálico). O importante é não dar falsa impressão sobre quem merece os créditos do conteúdo ou da forma da informação.

Então, teoricamente é simples evitar o plágio, bem como o autoplágio. Existem duas formas que levam ao plágio/autoplágio: a) corrupção do autor ou b) ignorância sobre preceitos de ciência e redação científica. Do primeiro caso não falarei, pois não resolveria. Mas do segundo, há formas fáceis de se resolver.

O erro mais frequente que acarreta plágio ocorre quando o autor imagina, por puro costume, que ao citar o autor na primeira, ou na última, frase de um parágrafo com mais frases, fica implícito que esse autor merece também o crédito das outras frases desse parágrafo. Note que o contexto lógico das informações dentro do parágrafo deve deixar explícito que todas elas são creditadas ao autor citado na primeira ou última frase; do contrário, as informações de algumas frases ficarão sem citação, assim significando que pertencem ao autor do texto que fez a citação, significando plágio ou que as informações são de domínio do público alvo. É necessário que as frases do parágrafo se conectem de tal maneira que não fiquem dúvidas, inclusive dúvidas legais, de que as informações receberam os devidos créditos.

Embora o plágio já esteja devidamente esclarecido no meio, restando apenas noções de redação e ciência para que os honestos não caiam em armadilhas conceituais, o autoplágio tem sido um capítulo à parte. Sobre os possíveis motivos que levam ao autoplágio talvez possa ressaltar: a convicção de que porque foi você quem escreveu, então é seu e pode copiar à vontade; a crença de que é desnecessário descrever com outras palavras um procedimento metodológico que você já descreveu, se ele será sempre o mesmo; o desconhecimento sobre os direitos autorais, que muitas vezes são passados à editora e, portanto, aquele texto já não mais lhe pertence; etc.

Quando a descrição de sua metodologia já for bem hermética, num próximo trabalho o adequado não é copiar essas frases, pois isso caracterizará o autoplágio. Cite o trabalho já publicado e, se for preciso informar algo aos leitores, faça um breve resumo dos aspectos gerais dos procedimentos, citando a fonte original. E se isso for recorrente, prepare-se para contar a mesma história com diferentes palavras e ênfases. Afinal, a arte na redação científica é não seguir padrões, mas cativar o leitor por meio da escrita. Sempre haverá forma de inovação.

Há casos de autoplágio quando copiamos parte de nossa tese no artigo publicado. Mesmo que o artigo esteja em inglês e a tese em português, prepare-se para ser acusado de autoplágio. Aliás, a exigência da Capes para que as teses sejam publicadas na internet apenas criou complicadores, principalmente quando as teses são escritas em inglês. Elas geralmente contereão o manuscrito a ser submetido para publicação e, certamente, ficarão duas versões: a tese na internet e o artigo publicado, ambos com muitas frases similares. Aqui a solução é banir essa exigência da Capes, antes que casos mais drásticos possam ocorrer.

O mesmo do relatado acima vale para textos publicados em congressos. Nas normas da revista *Science*, consta que se sua apresentação no congresso ficar restrita ao congresso, ela poderá publicar normalmente seu estudo já aceito por ela (focando na informação, mais do que na forma de expressão). Porém, se você divulgar esse estudo do congresso na mídia, enquanto seu trabalho aceito na *Science* não foi ainda publicado, eles poderão não publicá-lo. Mas, caso essa divulgação seja feita por algum repórter que esteja presenciando sua apresentação, então

seu trabalho não será rejeitado na *Science*, o que mostra que a intencionalidade da ação está sendo levada em conta.

Em resumo, para o cientista fica a fácil lição de que não devem dizer que algo é seu, quando não lhe pertence, podendo ser desde o conteúdo até a forma de apresentação de uma informação, seja sua ou de outros. Com isso em mente, fica difícil imaginar que um cientista não teve condições de avaliar se está ou não cometendo plágio. Zele pela honestidade intelectual, sem permitir que lhe seja creditado o que não lhe pertence. Nos dias de hoje já não mais se admite ignorância sobre os casos de plágio ou autoplágio.